




**PERSPECTIVISMO E VEROSSIMILHANÇA EM “INFERNO VERDE” (2021), DE BRUNO SÉRVULO**

**PERSPECTIVISM AND VEROSIMILANCE IN “GREEN HELL” (2021), BY BRUNO SÉRVULO**

**PERSPECTIVISMO Y VEROSIMILANCIA EN “INFIERNO VERDE” (2021), DE BRUNO SÉRVULO**

 <https://doi.org/10.56238/levv16n52-025>

**Data de submissão:** 15/08/2025

**Data de publicação:** 15/09/2025

**Bruna da Silva Alves**

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGLT

Instituição: Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)

E-mail: 03brunaalves@gmail.com

---

**RESUMO**

Este artigo analisa o conto “Inferno Verde” (2021), de Bruno Sérvulo, a fim de compreender como a literatura amazônica contemporânea articula realismo e imaginação mítica por meio da categoria de verossimilhança e do conceito de perspectivismo ameríndio. A pesquisa, de caráter qualitativo, utilizou referenciais críticos brasileiros para examinar a construção narrativa em seus aspectos de espaço, tempo, personagens e narrador. Observou-se que a descrição detalhada de práticas cotidianas, como a extração do açaí, confere efeito de realidade e sustenta o pacto ficcional, permitindo a aceitação do insólito. Constatou-se também que a metamorfose dos personagens em encantados expressa a lógica perspectivista, na qual a floresta atua como sujeito ativo e transformador. Conclui-se que a obra de Sérvulo transcende o regionalismo ao propor novas formas de compreensão do mundo, colocando em diálogo epistemologias diversas e reafirmando a literatura amazônica como espaço de elaboração crítica e cultural.

**Palavras-chave:** Literatura Amazônica. Verossimilhança. Perspectivismo Ameríndio. Bruno Sérvulo. Narrativa Contemporânea.

**ABSTRACT**

This article analyzes the short story Inferno Verde (2021), by Bruno Sérvulo, in order to understand how contemporary Amazonian literature articulates realism and mythical imagination through the category of verisimilitude and the Amerindian concept of perspectivism. This qualitative research employed Brazilian critical references to examine narrative construction in terms of space, time, characters, and narrator. The study found that the detailed description of daily practices, such as açaí harvesting, provides an effect of reality and sustains the fictional pact, enabling the acceptance of the unusual. It also revealed that the metamorphosis of the characters into enchanted beings expresses perspectivist logic, in which the forest acts as an active and transformative subject. It is concluded that Sérvulo’s work goes beyond regionalism by proposing new ways of understanding the world, placing diverse epistemologies in dialogue and reaffirming Amazonian literature as a space of critical and cultural elaboration.

**Keywords:** Amazonian Literature. Verisimilitude. Amerindian Perspectivism. Bruno Sérvulo. Contemporary Narrative.

## RESUMEN

Este artículo analiza el cuento "Infierno Verde" (2021), de Bruno Sérvulo, para comprender cómo la literatura amazónica contemporánea articula el realismo y la imaginación mítica a través de la categoría de verosimilitud y el concepto de perspectivismo amerindio. La investigación cualitativa utilizó marcos críticos brasileños para examinar la construcción narrativa en sus aspectos de espacio, tiempo, personajes y narrador. Se observó que la descripción detallada de prácticas cotidianas, como la extracción de açaí, confiere un efecto de realidad y sustenta el pacto ficcional, permitiendo la aceptación de lo inusual. También se encontró que la metamorfosis de los personajes en criaturas encantadas expresa la lógica perspectivista, en la que la selva actúa como un sujeto activo y transformador. Se concluye que la obra de Sérvulo trasciende el regionalismo al proponer nuevas formas de comprender el mundo, poniendo en diálogo diversas epistemologías y reafirmando la literatura amazónica como un espacio de elaboración crítica y cultural.

**Palabras clave:** Literatura Amazónica. Verosimilitud. Perspectivismo Amerindio. Bruno Servulo. Narrativa Contemporánea.

## 1 INTRODUÇÃO

O conto “Inferno verde”, integrante da obra *O peso insustentável da pluma* (2021), do escritor e professor Bruno Sérvulo, compõe um mosaico narrativo que dialoga diretamente com a realidade amazônica. Natural do Pará e radicado no Amapá desde 2006, Sérvulo é doutor em Artes pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e atua como docente no Instituto Federal do Amapá (IFAP). Sua produção literária, que abarca contos e peças teatrais, situa-se no entrecruzamento entre ficção e memória cultural, propondo leituras críticas da Amazônia para além de estereótipos, no entanto, não se prende apenas a esta temática, circulando por temas como maternidade, bullying, grotesco, guerra, homofobia, transfobia, entre outros.

Em “Inferno verde” (2021), o autor recria, sob viés literário, o desaparecimento de dois adolescentes ocorrido em Calçoene (AP), em abril de 2021, quando, ao adentrarem a mata em busca de açaí, não conseguiram retornar. Apesar das buscas realizadas por bombeiros e mateiros, os jovens não foram encontrados, e a narrativa de Sérvulo transforma esse fato em um enredo que tensiona realidade, mito e imaginação.

O objetivo deste trabalho é analisar como a transformação dos personagens no conto aproxima-se do que Eduardo Viveiros de Castro (2002) denomina perspectivismo ameríndio, compreendido como a concepção de que o mundo é habitado por diferentes seres que se percebem como humanos, ainda que sejam vistos de outras formas por outrem. Nessa concepção, o corpo funciona como um envoltório que pode ser modificado, abrigando a essência da humanidade, ideia que ressoa na metamorfose dos meninos em “encantados” na narrativa.

Ao mesmo tempo, busca-se compreender como os recursos literários empregados pelo autor — espaço, narrador, personagens e tempo ficcional — contribuem para a verossimilhança do texto, entendida, segundo Brandão e Oliveira (2001, p. 4), como efeito construído a partir da organização narrativa, de modo que “a figura do narrador deve ser entendida fundamentalmente como categoria textual à qual cabe a tarefa de enunciar o discurso”. Assim, a configuração da voz narrativa, aliada ao espaço amazônico e à tradição oral, fundamenta a credibilidade da história, mesmo em sua dimensão fantástica.

Justifica-se este estudo pela ainda incipiente fortuna crítica dedicada à literatura amapaense, cuja produção carece de maior visibilidade acadêmica. A análise de “Inferno verde” (2021) possibilita valorizar a cultura local, além de refletir sobre a interface entre mito e realidade, literatura e cosmologia.

A presente pesquisa adota abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e interpretativa, voltada à análise crítica do conto “Inferno Verde” (2021), de Bruno Sérvulo. Segundo Minayo (2014, p. 21), a pesquisa qualitativa trabalha com o “universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”, o que a torna adequada para o estudo de fenômenos simbólicos e culturais. No

campo da literatura, essa metodologia permite examinar não apenas a estrutura formal do texto, mas também as dimensões sociais e imaginárias que o atravessam. Nesse sentido, Bauer e Gaskell (2008, p. 22) lembram que “toda pesquisa qualitativa, social, empírica, busca a tipificação da variedade de representações das pessoas no seu mundo vivencial”.

O conto foi analisado a partir de referenciais críticos brasileiros, estabelecendo um diálogo entre conceitos clássicos da teoria literária — como a verossimilhança em Aristóteles (2004) e Candido (2000) — e noções da antropologia ameríndia — como o perspectivismo em Viveiros de Castro (2002). Essa articulação entre literatura, antropologia e crítica cultural permite compreender de que modo o texto de Sérvulo constrói sentidos ao combinar realismo, mito e imaginação amazônica.

## 2 PERSPECTIVISMO AMERÍNDIO

O perspectivismo ameríndio, conceito desenvolvido por Viveiros de Castro (2002), parte da concepção indígena segundo a qual diferentes seres veem o mundo a partir de perspectivas próprias. Trata-se, portanto, de uma reflexão que não se fundamenta em categorias ocidentais abstratas, mas em cosmologias indígenas que atribuem agência e subjetividade a múltiplos habitantes do cosmos. Segundo o autor: “o modo como os seres humanos vêem os animais e outras subjetividades que povoam o universo [...] é profundamente diferente do modo como esses seres vêem os humanos e se vêem a si mesmos” (CASTRO, 2002, p. 350).

Essa formulação implica que cada ser – humano, animal, espírito ou entidade – percebe a realidade a partir de seu próprio ponto de vista, de acordo com a cultura e a condição em que se encontra. Como explica Viveiros de Castro (2002, p. 351), “esse ‘ver como’ refere-se literalmente a perceptos, e não analogicamente a conceitos”. Assim, a afirmação de que “os animais são gente, ou se vêem como pessoas” está associada à noção de que o corpo é apenas um envoltório — uma “roupa” que oculta uma forma interna de humanidade.

Contudo, o autor destaca que o perspectivismo não se aplica a todos os animais de maneira uniforme, mas também a outros tipos de seres. A personitude e a perspectividade são, segundo o autor, “uma questão de grau de situação, mais que propriedades diacríticas fixas desta ou daquela espécie” (CASTRO, 2002, p. 353). Dessa forma, determinados seres podem manifestar-se como “mais pessoas que humanos”, evidenciando a relatividade da fronteira entre humanidade e alteridade.

Outra dimensão importante apresentada por Viveiros de Castro é a ideia de que, no pensamento ameríndio, existiria um estado originário de indiferenciação entre humanos e animais (CASTRO, 2002, p. 354). Esse princípio aparece com frequência nos mitos, que funcionam como um espaço onde a diferença entre pontos de vista é, ao mesmo tempo, enfatizada e anulada. Essa concepção vincula-se diretamente ao xamanismo, prática central em muitas culturas ameríndias, pois é o xamã quem tem a capacidade de transitar entre diferentes perspectivas ontológicas.

No mesmo movimento teórico, Viveiros de Castro (2002) introduz o conceito de multinaturalismo, que não deve ser entendido como distinto do perspectivismo, mas como uma consequência dele. O autor afirma:

“O perspectivismo não é um relativismo, mas um multinaturalismo. [...] Uma só ‘cultura’, múltiplas ‘naturezas’; epistemologia constante, ontologia variável – o perspectivismo é um multinaturalismo, pois uma perspectiva não é uma representação” (CASTRO, 2002, p. 379).

O termo, como explica, foi proposto “para assinalar um dos traços contrastivos do pensamento ameríndio em relação às cosmologias ‘multiculturalistas’ modernas” (CASTRO, 2002, p. 348-349), que tendem a assumir a unidade da substância natural e a pluralidade das culturas. Ao contrário, o multinaturalismo ameríndio reconhece uma única cultura – compartilhada entre diferentes seres –, mas múltiplas naturezas, definidas pela variação de corpos, perspectivas e modos de existir.

A partir desse referencial teórico, é possível observar que muitas das concepções desenvolvidas por Viveiros de Castro se encontram representadas no conto *Inferno Verde*, de Bruno Sérulo (2021), especialmente no que diz respeito à transformação dos meninos e à agência da floresta, como será demonstrado na análise a seguir.

### 3 A VEROSSIMILHANÇA NA TRADIÇÃO LITERÁRIA

O conceito de verossimilhança ocupa lugar central nos estudos literários desde a Antiguidade, especialmente a partir da Poética de Aristóteles. Para o filósofo grego, a literatura não se compromete com a verdade factual, mas com a plausibilidade dos eventos narrados: “não é ofício do poeta narrar o que aconteceu, mas o que poderia acontecer segundo a verossimilhança ou a necessidade” (ARISTÓTELES, 2004, p. 57). Assim, o critério de validade do texto literário não é a correspondência com a realidade empírica, mas a capacidade de construir um universo narrativo que seja internamente coerente e, portanto, crível para o leitor.

Na tradição clássica, a verossimilhança está vinculada à ideia de coerência interna e de adequação entre personagens, ações e circunstâncias. O que se espera é que o texto literário, mesmo ao tratar de acontecimentos extraordinários, mantenha um vínculo de plausibilidade com a experiência humana, de modo a preservar a identificação e a adesão do público (CANDIDO, 2000). Nesse sentido, a literatura pode tratar de seres míticos, heróis fabulosos ou encantados amazônicos, desde que estes obedeçam a uma lógica interna que torne seus atos compreensíveis no universo ficcional.

Na modernidade, a discussão sobre a verossimilhança se desloca para uma concepção mais ampla, relacionada não apenas à coerência narrativa, mas também à sua função social. Para Antonio Candido (2000), por exemplo, a verossimilhança garante o “efeito de realidade” que aproxima o texto do leitor, ao mesmo tempo em que abre espaço para a crítica social e cultural. Assim, o recurso ao realismo ou ao detalhamento das práticas cotidianas – como as descrições da extração do açaí em

“Inferno Verde” (2021) – confere ao texto literário a densidade necessária para torná-lo reconhecível dentro de um contexto histórico e cultural específico.

No campo da crítica contemporânea, Roland Barthes (1984) amplia o debate ao propor a noção de “efeito de real”, sugerindo que certos elementos descritivos presentes na narrativa – aparentemente banais ou secundários – funcionam como marcadores de veracidade, ainda que não acrescentem diretamente à trama. Tais detalhes são responsáveis por produzir no leitor a sensação de que a narrativa corresponde a uma realidade vivida, mesmo quando esta se abre ao fantástico ou ao mítico.

Dessa forma, pode-se compreender que a verossimilhança não é um simples critério de adequação, mas uma estratégia estética que articula, de modo dinâmico, realidade e invenção. Em “Inferno Verde” (2021), de Bruno Sérvulo, essa articulação manifesta-se na forma como o autor descreve com precisão o ambiente amazônico, as práticas de trabalho e a vida cotidiana, ao mesmo tempo em que insere elementos sobrenaturais ligados à cosmologia indígena. O resultado é uma narrativa que oscila entre o documentário e o mítico, revelando que a credibilidade literária pode coexistir com a fabulação, desde que esteja ancorada na lógica cultural da região em que se insere.

#### 4 ANÁLISE DO CONTO INFERNO VERDE

A obra de Bruno Sérvulo insere-se em uma tradição literária amazônica que, desde o século XIX, tem explorado as relações entre realidade e mito, natureza e cultura. Autores como Inglês de Sousa, com *O Missionário* (1891), e Dalcídio Jurandir, em *Chove nos Campos de Cachoeira* (1941), já apontavam para uma escrita que tensiona a experiência concreta da região e sua dimensão simbólica. Na contemporaneidade, escritores como Milton Hatoum e Eliane Brum também retomam essa perspectiva, ainda que em registros distintos, reafirmando a Amazônia como espaço de disputa narrativa e de invenção literária.

Nesse panorama, Sérvulo contribui com um olhar amapaense, ampliando a visibilidade de uma produção literária ainda pouco estudada pela crítica. Sua narrativa não apenas recupera acontecimentos locais, mas também os reinscreve em uma chave ficcional que dialoga com cosmologias indígenas e com debates contemporâneos das ciências humanas. Dessa forma, “Inferno Verde” (2021) reafirma a literatura amazônica como campo fértil para a reflexão sobre identidade, memória e alteridade. Ao recriar o desaparecimento de dois adolescentes na mata de Calçoene (AP), o autor desloca o episódio jornalístico para o campo da literatura, instaurando um espaço narrativo em que realidade, mito e encantamento coexistem sem fronteiras rígidas.

Desde o início, o texto investe em estratégias de verossimilhança. A colheita do açaí, descrita com precisão etnográfica, situa o leitor em práticas familiares à população amazônica: “Com o facão na cintura, o indivíduo se abraça à magra palmeira e com os pés laçados pela peçonha escala até o topo, onde se encontra o fruto” (SÉRVULO, 2021, p. 99-100). A referência à etimologia da palavra

açaí, o detalhamento da técnica de extração e a descrição dos instrumentos são elementos que, ao mesmo tempo, constroem a credibilidade da narrativa e valorizam o conhecimento tradicional local. Como observa Luiz Costa Lima (1980, p. 45), a verossimilhança “não depende apenas da correspondência com o real empírico, mas da coerência interna que torna crível aquilo que se narra”. No caso de “Inferno verde” (2021), a narrativa é crível porque emerge da cultura amazônica, onde o cotidiano e o sobrenatural se articulam sem contradição.

Os personagens também são moldados em consonância com esse contexto. Os meninos aparecem como habitantes da região, acostumados à prática do extrativismo; os bombeiros, representantes de um saber técnico-científico, precisam do auxílio de mateiros e indígenas, cujos conhecimentos empíricos e espirituais lhes permitem navegar pela floresta. Essa rede de personagens evidencia a coexistência de múltiplos saberes, reforçando a ideia de que a mata não se deixa dominar apenas pela tecnologia. Como afirmam Brandão e Oliveira (2001, p. 68), “a personagem existe porque ocupa espaços na narrativa”. Aqui, cada grupo de personagens ocupa um espaço simbólico: os jovens representam a vulnerabilidade e a transformação; os bombeiros, a limitação do saber oficial; os mateiros e indígenas, o vínculo profundo com o espaço amazônico.

A floresta, nesse sentido, deixa de ser pano de fundo e torna-se protagonista. O narrador descreve como “o inferno os cobriu. Devorou-os” (SÉRVULO, 2021, p. 100), atribuindo-lhe agência. Não se trata apenas de cenário natural, mas de um sujeito que engole, transforma e redefine a condição dos meninos. Essa presença ativa da floresta remete à noção de que o espaço amazônico é inseparável da cosmologia indígena, na qual rios, árvores e animais possuem intencionalidade. Como observa Manuela Carneiro da Cunha (2009, p. 313), nas sociedades indígenas “a natureza é concebida como parte de uma rede social de sujeitos”, o que contrasta com a visão ocidental de natureza como objeto.

À medida que a narrativa avança, a sobrevivência dos meninos se transforma em metamorfose. O narrador relata: “A pele se tornara fina, mas as palmas dos pés e das mãos engrossaram. Era o corpo se adaptando, tornando-se parte do verdezão” (SÉRVULO, 2021, p. 102). Esse processo pode ser compreendido a partir do perspectivismo ameríndio de Viveiros de Castro (2002), para quem todos os seres compartilham uma essência humana, diferenciando-se por “corpos-roupa” mutáveis. A adaptação corporal dos meninos — engrossamento das mãos e pés, perda da fala, comunicação por gestos — sinaliza a troca dessa “roupa”, indicando que já não são reconhecidos apenas como humanos, mas como parte da floresta.

Aqui se torna pertinente articular o perspectivismo com a noção de multinaturalismo, também desenvolvida por Viveiros de Castro (2002). O autor explica que o corpo não é apenas um dado fisiológico, mas um “conjunto de maneiras de ser” (p. 380): o que se come, como se vive, como se comunica. No conto, a alteração da dieta dos meninos, sua forma de comunicação e a adaptação física



são indícios de que eles atravessaram uma fronteira ontológica. A metamorfose, portanto, não é metáfora, mas realidade possível dentro da lógica amazônica.

O narrador reforça esse processo ao passar a descrevê-los como “bichos selvagens” (SÉRVULO, 2021, p. 102). A mudança lexical não apenas marca a transformação dos personagens, mas também insere o leitor na mesma dúvida vivida pelos buscadores: trata-se de sobreviventes ou de seres já pertencentes ao domínio dos encantados? Nesse ponto, o discurso do indígena Karipuna é decisivo: “somos os invasores” (SÉRVULO, 2021, p. 102). A afirmação sintetiza a lógica da cosmologia indígena, em que a floresta é território de sujeitos não-humanos, e os homens são apenas visitantes.

Tânia Stolze Lima (1996, p. 32), ao estudar o perspectivismo yawanawá, observa que “o mundo é sempre visto a partir de um ponto de vista situado, e cada ser se reconhece a partir de sua própria humanidade”. No conto, a mudança de perspectiva é evidenciada pela transformação da percepção: os meninos deixam de ser vistos como humanos para serem compreendidos como encantados. Essa transição coloca em jogo não apenas a metamorfose corporal, mas também a mudança do olhar de quem narra e de quem interpreta.

A narrativa, portanto, trabalha com a ambiguidade. Como observa Candido (2000, p. 81), a literatura se distingue por sua capacidade de “tornar vivos os dilemas da existência, transformando-os em experiência compartilhável”. Em “Inferno verde” (2021), o dilema está em decidir se os meninos estão mortos, vivos ou transformados em seres da floresta. O texto não resolve essa questão: ao contrário, mantém o leitor em suspenso, convidando-o a participar do processo interpretativo. Brandão e Oliveira (2001, p. 71) ressaltam que “uma das principais características do texto literário é propor enigmas ao leitor”, e é justamente essa abertura interpretativa que confere força à narrativa.

Por fim, cabe destacar que a análise de Inferno verde ultrapassa a dimensão literária e alcança o campo da valorização cultural. Ao narrar um fato real a partir da perspectiva do encantamento, Sérvulo não apenas produz literatura, mas também confere visibilidade à cosmovisão indígena e ao modo de vida amazônico. Como lembra Mariza Peirano (1995, p. 43), “as narrativas são formas de produzir realidade social”. Nesse sentido, o conto inscreve-se como gesto de resistência simbólica, ao afirmar que a Amazônia não pode ser reduzida a dado empírico ou paisagem exótica, mas deve ser compreendida como território de sujeitos múltiplos, humanos e não-humanos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do conto Inferno Verde (2021), de Bruno Sérvulo, permitiu compreender como a literatura amazônica contemporânea se constitui como um espaço privilegiado de negociação entre real e imaginário, entre tradição e inovação, entre ontologias ocidentais e ameríndias. Ao mobilizar simultaneamente a categoria aristotélica de verossimilhança e o conceito antropológico de



perspectivismo, a narrativa evidencia o potencial da ficção para não apenas representar, mas também problematizar os modos de conceber a realidade.

Em primeiro lugar, observou-se que a verossimilhança desempenha função central no pacto de leitura estabelecido pelo narrador. As descrições minuciosas do cotidiano amazônico, sobretudo nas técnicas de extração do açaí, garantem a credibilidade da narrativa, aproximando-a da experiência empírica do leitor. Esse efeito, como sustentam Aristóteles (2004) e Barthes (1984), não decorre da fidelidade documental, mas da coerência estética e cultural que estrutura o texto, possibilitando a aceitação do extraordinário como parte legítima do mundo narrado.

Em segundo lugar, destacou-se a incorporação do perspectivismo ameríndio, que amplia o horizonte de leitura ao apresentar a floresta como sujeito ativo e transformador. Ao narrar a metamorfose dos meninos em encantados, o conto rompe com a lógica ocidental de separação entre natureza e cultura, reafirmando a cosmologia indígena como referência epistêmica válida e potente. Essa operação aproxima a literatura da antropologia, pois evidencia, como afirma Viveiros de Castro (2002), que o mundo é constituído por múltiplas perspectivas coexistentes, não redutíveis a uma única ontologia.

Além disso, observou-se que a fusão entre mito e realidade constitui o núcleo estético do conto. Ao articular práticas cotidianas com concepções míticas, a obra de Sérvulo insere-se em uma tradição literária amazônica que busca não apenas retratar, mas também reinventar a região. Tal procedimento confirma a concepção de Candido (2000), segundo a qual a literatura é uma necessidade humana e um instrumento de preservação cultural, capaz de transmitir e recriar saberes coletivos.

Conclui-se, portanto, que “Inferno Verde” (2021) não deve ser lido apenas como uma narrativa de cunho regionalista ou etnográfico, mas como um exercício literário sofisticado, que coloca em diálogo epistemologias diversas e questiona categorias fixas de humano, não humano, mito e realidade. A análise do conto evidencia a relevância da literatura amazônica contemporânea para o campo dos estudos literários, não apenas por seu valor estético, mas também por sua capacidade de propor novas formas de compreensão do mundo, baseadas em lógicas relacionais e plurais.

Assim, este estudo contribui para a reflexão sobre o papel da literatura na mediação entre culturas e ontologias distintas, ao mesmo tempo em que reforça a importância de reconhecer a produção literária da Amazônia como espaço legítimo de elaboração crítica e estética, capaz de ampliar os horizontes da teoria literária e das ciências humanas em geral. Pesquisas futuras podem ampliar esse debate ao explorar como outras narrativas amazônicas contemporâneas mobilizam categorias antropológicas para questionar o lugar da literatura no diálogo intercultural, apontando para a necessidade de uma crítica literária mais atenta às epistemologias do sul e aos modos plurais de habitar o mundo.

## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. Poética. Tradução, introdução e notas de Eudoro de Souza. São Paulo: Editora 34, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARTHES, Roland. O efeito de real. In: \_\_\_\_\_. O rumor da língua. São Paulo: Martins Fontes, 1984. p. 181-190.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BRANDÃO, Luís Alberto; OLIVEIRA, Silvana. Teoria do texto: leitura e escrita. São Paulo: Ática, 2001.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: \_\_\_\_\_. Textos de intervenção. Seleção e introdução de Vinicius Dantas. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000. p. 79-92.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. Cultura com aspas. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- HATOUM, Milton. Dois irmãos. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- JURANDIR, Dalcídio. Chove nos campos de Cachoeira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941.
- LIMA, Luiz Costa. A ficção e o poema. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- LIMA, Tânia Stolze. O dois e seu múltiplo: reflexões sobre o perspectivismo em uma cosmologia tupi. Mana, v. 2, n. 2, p. 21-47, 1996.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- PERRONE-MOISÉS, Beatriz. Índios livres e índios escravos: os princípios da legislação indigenista do período colonial (séculos XVI a XVIII). In: CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). História dos índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 115-132.
- REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina. Dicionário de narratologia. Coimbra: Almedina, 1988.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010.
- SÉRVULO, Bruno. O peso insustentável da pluma. Macapá: Editora Amapá, 2021.
- SOUSA, Inglês de. Contos amazônicos. Belém: Typ. de Tavares Cardoso, 1893.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2002.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. In: \_\_\_\_\_. A inconstância da alma selvagem. São Paulo: Cosac Naify, 2002. p. 345-399.